

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

Corporais:

1ª DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

Nós dizemos no Pai Nosso: “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Na Palestina, o alimento básico era o pão. Por isso, Jesus convida-nos a pedirmos ao Pai o pão de cada dia.

Na sua longa caminhada através do deserto, o Povo de Deus fez a experiência da sede e da fome. Por isso, no Livro do Deuteronómio é dito: “Lembra-te de todo o caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer durante quarenta anos pelo deserto, para te afligir, te pôr à prova e conhecer o teu coração”.

A fome é uma característica dos pobres, dos que Jesus proclama “bem-aventurados”. E São Tiago, na sua carta, diz: “Se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, de que serve isso? Será que a fé o poderá salvar? Por exemplo, um irmão ou irmã não têm que vestir e falta-lhes o pão de cada dia. Então, se algum de vós lhe disser: ‘ide em paz, aquecei-vos e comei bastante’ e, no entanto, não lhe der o necessário para o corpo, que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, está completamente morta”.

Assim sendo, a partilha com o mais carenciado é um imperativo ético para toda a Igreja. E, mais ainda, eliminar a fome no mundo tornou-se, na era da “globalização da indiferença”, um caminho para alcançar a paz.

Interroguem-nos então:

- Procuramos partilhar um pouco do que temos com esta ou aquela instituição que alberga os mais carenciados, os mais débeis, os últimos dos últimos?

- Os nossos abnegados Bombeiros prestam um relevante e desinteressado serviço à comunidade. Já pensamos, por exemplo, em ser sócios dos Bombeiros? Se há donativo anual que eu dou com muita alegria é, sem sombra de dúvidas, a quota de sócio dos Bombeiros Voluntários da Trofa!

- Procuramos abrir o coração àquele que nos pede o pão de um sorriso, de um ombro amigo ou de uma mão que o ajude a erguer-se?

- Quando ajudamos de algum modo a matar a fome dos outros, com a nossa oferta vai um pouco do nosso coração, ou fazemo-lo por um mero descargo de consciência? Por outras palavras, damos ou damo-nos?

2ª DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

“Tenho sede”! É o grito de Jesus no monte da Caveira, pouco antes de expirar. A sede de Jesus, tormento cruel dos condenados à morte no patíbulo, é referida muitas vezes nos salmos, nomeadamente no salmo 42: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus Vivo; quando voltarei a ver a face de Deus?” Isaías irá exclamar: “A minha alma tem sede de Deus; abandonaram-me a mim, fonte da água viva”. E Moisés, no deserto, fez brotar a água da rocha.

O sacramento do baptismo é simbolicamente anunciado na água que jorra do peito aberto de Jesus.

O Papa Francisco, na sua Encíclica sobre o cuidado da casa comum, ao abordar a “questão da água”, lembra que povos inteiros, e especialmente crianças, adoecem e morrem por beberem água não potável. E afirma: “o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos. Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso a água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável”.

Interroguemo-nos:

- Respeito os rios, riachos e regatos como um património comum que é necessário preservar, ou faço deles um depósito de detritos?

- Nós os que temos poço em casa e que, muitas vezes, desperdiçamos imensa água a lavar os carros e os passeios, já tomamos consciência que estamos a esgotar um dos mais preciosos (e cada vez mais escassos) recursos naturais que são de todos?

- Temos procurado estar solidários com os gritos de tantos homens e mulheres sedentos de justiça?

- Temos procurado derramar um pouco de água fresca sobre as feridas daqueles com quem nos cruzamos nos caminhos do quotidiano, esses ou essas para quem a vida foi madrasta em vez de mãe?

3ª VESTIR OS NUS

O Santo Bispo de Tours – Martinho – serve-nos de modelo. Reza a tradição que, no inverno do ano 337, encontrou perto da porta da cidade um mendigo a tiritar de frio, lhe deu metade da sua capa, porque a outra pertencia ao exército romano. Na noite seguinte, teve uma visão de Cristo coberto com a metade da capa que dera na véspera ao mendigo.

A Bíblia propõe uma atitude de compaixão para com a nudez. Lemos, no Livro de Tobias: “Reparte as tuas roupas com quem está nu”. Ezequiel acrescenta: “Veste quem está sem roupa”. Isaías aconselha igualmente a “vestir quem está sem roupa”. São Paulo afirma que a nudez, expressão do “homem velho”, desaparece graças ao facto de “vos terdes revestido do homem novo que se vai renovando à imagem do seu Criador”, por causa da fé e do baptismo pelo qual “vos revestistes de Cristo”.

E, neste momento, poderemos pensar: hoje, felizmente, com tanta roupa ao dispor, ninguém tem necessidade de andar despido. É verdade. Mas esta terceira obra de misericórdia é bem mais abrangente. Vestir os nus passa por cobrirmos com o manto da misericórdia e o olhar da compaixão tantos e tantos esfarrapados, como por exemplo:

1º Tantas mulheres espancadas e maltratadas, de alma totalmente esfarrapada.

Na terça-feira passada (16 de Janeiro de 2016), o país ficou incrédulo diante da notícia do dia: aquela mulher, de nome Sónia Lima, que afogou as filhas em Caxias e que agora se encontra em prisão preventiva, despojada de tudo... inclusive da liberdade. Vamos atirar pedras a esta mulher esfarrapada? Não. Vamos cobri-la com o manto da misericórdia.

2º Não apedrejemos um alcoólico. Já não é pouco sofrimento ele sentir-se despido da sua dignidade! Cubramo-lo com o manto da misericórdia!

3º Jamais, em circunstância alguma, apedrejemos, um toxicod dependente. Já não é pouco sofrimento o facto de ele se sentir nu, completamente despido dos mais básicos valores! Ele precisa do manto da nossa misericórdia!

4º É necessário que tenhamos um profundo respeito pelo ex-toxicod dependente que, numa hora de profundo desânimo, sem forças, voltou a consumir. A última coisa que ele necessita são duas pedras de arremesso. Já lhe basta um fardo que carregará até ao derradeiro minuto do último dia da sua existência! Já basta o seu sofrimento – um esmagador sofrimento – que o dilacera e atormenta... Até ao último minuto da sua vida!

Todos estes precisam que, à semelhança do Santo Bispo de Tours, os cubramos com as nossas entranhas de misericórdia. Uma misericórdia fundamentada na do Senhor Jesus que não tem medo de tocar a miséria humana, da doença ao pecado, passando pelas mais variadas situações de degradação humana. A misericórdia é a ternura de Deus posta em prática. A misericórdia é a trave-mestra que suporta a vida da Igreja. E o evangelista São Lucas – a quem Dante chama o “escritor da mansidão de Cristo” – compreendeu-o muitíssimo bem!

4ª ACOLHER O FORASTEIRO

Esta obra de misericórdia toca bem fundo no coração do povo de Israel. O forasteiro que atravessa os caminhos da Palestina faz lembrar o povo bíblico na sua condição passada de peregrino: nómada através do deserto; de trouxa às costas a caminho de Babilónia... Por isso, lemos no Livro do Levítico: “o imigrante será para vós um concidadão: amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes emigrantes na terra do Egipto”. E o redactor do salmo 39 exclama: “Senhor, ouve a minha prece! Dá ouvidos aos meus gritos! Não fiques surdo ao meu pranto: porque sou hóspede, inquieto como os meus antepassados”.

Também a nós, portugueses, a imagem do imigrante nos é muito familiar. De facto, a partir de 1500, somos um povo permanente embarcado: um povo a caminho das antigas colónias; caravelas apinhadas de gente para o povoamento dos Açores e da Madeira; os condenados à pena do degredo sulcando os mares; de barco a caminho do Brasil nos séculos XIX e XX; de combóio rumo a França (e, posteriormente, outros países europeus) também no séc. XX. E, na alvorada do séc. XXI, eis-nos novamente embarcados rumo aos mais longínquos países do globo: Austrália, Islândia, Canadá, etc. Há cinco séculos que nós, portugueses, somos um povo nómada, sempre embarcado.

Um exemplo de acolhimento do forasteiro é-nos dado por Abraão, que acolhe religiosamente os três viajantes junto do carvalho de Mambré.

Na tradição cristã, a Regra de São Bento (séc. V) exorta os monges à hospitalidade, com esta afirmação: “Todos os hóspedes que se apresentem no mosteiro devem ser acolhidos como Cristo, porque Ele um dia nos dirá: ‘era peregrino e hospedaste-me’”. E, mais à frente, continua: “No modo de saudar deve mostrar-se grande humildade para todos os hóspedes que chegam ou partem: com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra adore-se a Cristo que neles é acolhido” (nº 53).

Esta quarta obra de misericórdia convida-nos a respeitarmos as culturas diferentes da nossa. Constitui um apelo a olharmos para o outro, o que vem de longe, com outros costumes e outras crenças, como um companheiro de viagem, peregrino entre os peregrinos pelos caminhos do tempo.

5ª ASSISTIR OS ENFERMOS

A doença e o sofrimento estiveram sempre entre os problemas mais graves que afligem o ser humano. Na doença, o homem experimenta a sua incapacidade, os seus limites, a sua finitude.

No Antigo Testamento encontramos um grande sofredor: Job. No meio da noite da fé, coberto de lepra, voltado para os poucos amigos que o visitam, Job exclama: “Ouvi agora a minha defesa, prestai atenção aos meus argumentos... Escutai com atenção as minhas palavras. Dai-me, pelo menos esse conforto”.

O apelo a visitar os enfermos não é muito frequente na Bíblia. Todavia, Ben Sirá descreve-o como um acto de amor do visitante: “Não tardes em visitar um doente, porque assim atrairás a sua amizade”.

No Novo Testamento, a visita aos doentes é composta por três elementos: a visita, a oração e o rito. O rito tem duas formas: a imposição das mãos e a unção com óleo (benzido pelo bispo). Lemos na Carta de São Tiago: “Alguém de vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que rezem por ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente: o Senhor o levantará, e, se tiver pecados, será perdoado”.

Neste texto de São Tiago a tradição cristã encontrou a base para o Sacramento da Santa-Unção.

A partir do séc. XI, este sacramento passou a chamar-se Extrema-Unção, por ser posterior à unção do Baptismo e, depois, do Crisma. No séc. XV chamou-se-lhe “sacramento da morte”. O Concílio de Trento preferiu utilizar os termos “extrema-unção” e “santa unção”. Finalmente, no séc. XX, o II Concílio prescreveu que se chame “unção dos enfermos” e não “extrema-unção”, uma vez que este sacramento não é apenas para os que estão no fim da caminhada.

Interroguem-nos agora:

- Sou tolerante e compassivo para com o pai ou a mãe velhinhos ou doentes que tenho em casa?

- Aos domingos (ou noutros dias) reservo um espaço de tempo, por diminuto que seja, para visitar esta ou aquela pessoa doente ou mais fragilizada?

- O Pe. Américo dizia que “a linguagem dos moribundos tem o sabor da eternidade”. Debruço-me com respeito e carinho sobre aqueles que estão no fim da caminhada?

Que, ao debruçarmo-nos sobre os doentes e velhinhos, ao olharmos para os homens e mulheres sofredores, seja o seu sofrimento físico ou moral, interiorizemos este magnífico texto de João de Deus:

*A vida é o dia de hoje,
a vida é ai que mal soa,
a vida é sombra que foge,
a vida é nuvem que voa.
A vida é sonho tão leve
que se desfaz como a neve
e como o fumo de esvai...*

*A vida dura um momento:
mais leve que o pensamento,
a vida leva-a o vento,
a vida é folha que cai.*

6ª VISITAR OS PRESOS

Encontramos no Antigo Testamento muitas alusões aos prisioneiros. E, no Novo Testamento, é assinalada a relação particular entre os membros das comunidades cristãs e os irmãos encarcerados por causa da sua fé. O redactor da Carta aos Hebreus é muito claro: “Participastes no sofrimento dos prisioneiros e aceitastes com alegria ser despojados dos próprios bens, sabendo que possuíis bens melhores e mais duráveis”.

Nos Actos dos Apóstolos é referida a comunhão dos cristãos com Pedro, quando este estava encarcerado: “Pedro estava vigiado na prisão, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele”. Paulo, por seu lado, manifesta a sua gratidão pela proximidade dos cristãos de Filipos durante a sua detenção, bem como pelas ajudas recebidas nesse período.

Na Igreja primitiva, os presos também não eram esquecidos. Terminada a Eucaristia, um diácono levava a comunhão aos presos. São Tarciso, o padroeiro universal dos Acólitos, e que viveu no período das grandes perseguições aos cristãos, foi escolhido pela comunidade cristã de Roma para essa tarefa. Porque era um juvenzinho e não despertaria a atenção do exército romano, durante algum tempo foi ele que, no fim de cada eucaristia dominical, levou a comunhão aos prisioneiros, até ao dia em que foi descoberto e torturado até à morte.

Hoje, cada uma das cadeias portuguesas tem no seu quadro um capelão, nomeado pelo Bispo diocesano, para a assistência religiosa aos presos. A Igreja Católica marca presença em todos os estabelecimentos prisionais para deste modo colocar em prática esta sexta obra de misericórdia!

7ª ENTERRAR OS MORTOS

Em Israel, ser privado de sepultura era algo de verdadeiramente horrível, porque fazia parte do castigo com que eram ameaçados os ímpios. Daí que, no judaísmo, enterrar os mortos fosse uma obra de piedade e uma prática piedosa.

Lemos no Livro de Ben Sirá: “Não negues a tua atenção aos mortos”. E, no Livro do Eclesiástico, o redactor diz: “Meu filho, derrama lágrimas pelo morto e faz tudo como alguém que sofre profundamente. Depois enterra o cadáver segundo o costume, e não deixes de honrar o seu túmulo”.

Mas o testemunho mais relevante é indiscutivelmente o de Tobias: “No tempo de Salmanasar dei muitas esmolas aos meus compatriotas. Eu dava o meu próprio alimento aos que estavam com fome, roupa aos que estavam mal vestidos, e quando via o cadáver de algum compatriota lançado fora das muralhas de Nínive, eu enterrava-o. Também sepultei os que Senaquerib matou”. E, mais adiante, lemos no Livro de Tobias: “Quando tu e Sara rezáveis, era eu que apresentava as vossas súplicas diante do Senhor glorioso. A mesma coisa eu fazia quando sepultavas os mortos. Quando não tiveste dúvidas em deixar a refeição, para ires esconder um morto, eu fui mandado para provar a tua fé. Da mesma forma, fui mandado para te curar ati e a Sara, tua nora. Eu sou Rafael”.

Tobias coloca a obra de misericórdia “enterrar os mortos” a seguir a “dar de comer a quem tem fome” e “vestir os nus”. Foi, muito possivelmente, esta disposição que levou a Igreja a colocar a 7ª obra de misericórdia em último lugar.

E a cremação? Desde 1963, que a Igreja Católica, embora mantenha a preferência pela tumulação, aceita acompanhar religiosamente aqueles que escolheram a cremação desde que esta não seja feita por motivações expressamente anti-cristãs.

Tanto a tumulação como a cremação nos convidam a reflectir sobre a grande questão que preocupa o ser humano: a morte. E, num e noutro caso, as exéquias são um momento oportuno para nos interrogarmos sobre o modo como estamos a viver o “hoje” da nossa caminhada terrena.

Neste momento dever-nos-emos interrogar:

- Quando, na capela mortuária, fazemos dos velórios um autêntico lavadouro ou um mercado do Bolhão em hora de grande afluência, estaremos a respeitar os mortos?

- Quando temos as sepulturas ao abandono o ano inteiro e no dia 1 de Novembro as cobrimos com meia tonelada de flores caras e uma arroba de velas, estamos a honrar a memória dos defuntos ou a prestar culto à vaidade humana?

- Quando vamos enfeitar os jazigos, somos movidos pela gratidão para com aqueles que ali se encontram sepultados, conscientes de que esse é um piedoso e louvável acto ou fazemo-lo por mera vaidade?

